

2. A pesquisa e os jovens que dela participaram

Raquel Vasconcellos Carvalhaes de Oliveira
Simone Gonçalves de Assis
Kathie Njaine
Maria Cecília de Souza Minayo
Queiti Batista Moreira Oliveira
Fernanda Mendes Lages Ribeiro
Joviana Quintes Avanci
Thiago de Oliveira Pires

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

OLIVEIRA, RVC., *et al.* A pesquisa e os jovens que dela participaram. In: MINAYO, MCS., ASSIS, SG., and NJAINE, K., orgs. *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, pp. 45-54. ISBN: 978-85-7541-385-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



A PESQUISA E OS JOVENS QUE DELA PARTICIPARAM

Raquel Vasconcellos Carvalhaes de Oliveira

Simone Gonçalves de Assis

Kathie Njaine

Maria Cecília de Souza Minayo

Queiti Batista Moreira Oliveira

Fernanda Mendes Lages Ribeiro

Joviana Quintes Avanci

Thiago de Oliveira Pires

Neste capítulo, apresentamos os pressupostos e as orientações metodológicas adotadas ao longo da pesquisa que originou esta obra. Fundamentadas em abordagens quantitativas e qualitativas, as metodologias utilizadas visaram a apreender as dimensões exteriores, os significados mais profundos e as relações sociais que os propiciam, na perspectiva da triangulação metodológica (Minayo, Assis & Souza, 2005) que trabalha com a abordagem de métodos mistos convergentes (Creswell & Clark, 2007). A coleta dos dados quantitativos e qualitativos foi concorrente, e sua integração se deu na fase de interpretação e análise dos dados.

Destacamos no final deste capítulo algumas informações sociodemográficas dos jovens que participaram da pesquisa, visando a facilitar que o leitor conheça melhor os jovens sobre os quais discorreremos ao longo deste livro.

OBJETIVO

O objetivo desta publicação é investigar a violência nas relações afetivo-sexuais de ‘ficar’ ou de namorar entre jovens de 15 a 19 anos de idade, estudantes de escolas públicas e particulares que residem em dez capitais brasileiras: Manaus (AM) e Porto Velho (RO) – região Norte; Recife (PE) e Teresina (PI) – região Nordeste; Brasília (DF) e Cuiabá (MT) – região Centro-Oeste; Rio de Janeiro (RJ) e Belo Horizonte (MG) – região Sudeste; Florianópolis (SC) e Porto Alegre (RS) – região Sul.

O interesse por esse tema baseia-se, sobretudo, no fato de que na juventude se constroem e se fortalecem fundamentos éticos que se consolidam ao longo da vida e que estimulam a igualdade e a tolerância nas questões de sexualidade e gênero, proporcionando o exercício dos mais fundamentais direitos humanos. Como perspectiva, esperamos que o conhecimento oriundo deste livro contribua para a formulação de políticas públicas

que conduzam à transformação das tradicionais relações de gênero e à superação da violência entre parceiros íntimos tanto na juventude quanto na vida adulta.

ABORDAGEM QUANTITATIVA

Foi realizado um inquérito epidemiológico para conhecer as vivências de afeto e violência presentes nas relações afetivo-sexuais referidas pelos jovens. Esse tipo de estudo reúne informações em momento específico do tempo (não permitindo inferir causalidades) e é capaz de evidenciar associações entre as temáticas estudadas.

A população de jovens sobre a qual buscamos conhecer as relações afetivo-sexuais associadas à presença de violência é a de estudantes do 2º ano do ensino médio das escolas públicas estaduais e particulares das capitais de dez estados brasileiros, entrevistados nos anos de 2007 e 2008.

As duas cidades de cada região foram escolhidas por conveniência, considerando os elevados índices de morbimortalidade por violência na faixa etária de 15-19 anos.

A opção por pesquisar alunos do 2º ano ocorreu pelas seguintes razões: maior facilidade que esse grupo hipoteticamente apresenta, em razão de sua idade, para responder a temas delicados, como o da sexualidade; maior envolvimento em encontros afetivo-sexuais; e por seus integrantes não estarem ainda no último ano do ensino médio, etapa em que as escolas têm mais dificuldade em permitir a liberação dos estudantes para participarem de pesquisas.

Na Tabela 1 se encontra a distribuição dos alunos cujas informações são analisadas neste livro, segundo capitais e rede de ensino. São todos estudantes na faixa dos 15 aos 19 anos de idade e que já vivenciaram algum tipo de relacionamento afetivo-sexual (namorar ou ‘ficar’); pertencem a 61 escolas públicas e 43 particulares espalhadas nas seguintes dez capitais brasileiras.

Tabela 1 – Amostra de alunos segundo redes de ensino e capitais brasileiras

Capitais	Amostra analisada		
	Público	Privado	TOTAL
Manaus	170	59	229
Porto Velho	143	139	282
Recife	169	133	302
Teresina	245	208	453
Brasília	155	168	323
Cuiabá	156	205	361
Rio de Janeiro	169	146	315
Belo Horizonte	157	184	341
Florianópolis	131	185	316
Porto Alegre	157	126	283
TOTAL	1.652	1.553	3.205

Informações detalhadas sobre a amostragem conglomerada multiestágio realizada para seleção dos jovens podem ser visualizadas no Anexo deste livro.

Dentre as temáticas investigadas no questionário aplicado aos alunos em sala de aula, de forma anônima e autopreenchível, temos: perfil sociodemográfico, aspectos individuais, como autoestima, autodeterminação, apoio social, uso de substâncias, relacionamentos na família, escola e comunidade, desempenho escolar, experiências no namoro e no ‘ficar’, sexualidade, violências vivenciadas, testemunhadas e praticadas e procura de ajuda profissional para as dificuldades encontradas nas relações de namoro. Citamos a seguir apenas a principal escala que afere a violência existente nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes – Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI). Outras escalas, indicadores e questões utilizados na pesquisa serão apresentados no decorrer dos capítulos e no Anexo, que traz mais informações sobre o instrumento quantitativo.

A CADRI é uma escala com setenta itens (Wolfe *et al.*, 2001), dos quais 25 aferem violência sofrida, 25 referem-se à violência perpetrada e vinte são itens que distraem o jovem da ênfase no tema da violência, não fazendo parte da análise da escala.

A escala afere três formas de violência presentes no relacionamento amoroso entre adolescentes: 1) física; 2) sexual; 3) psicológica – sendo que esta última é desdobrada em três subtipos: ameaças, violência verbal/emocional e violência relacional.

No presente estudo, foi realizada a adaptação transcultural dessa escala para a língua portuguesa (detalhes no Anexo deste livro). Na versão brasileira, optamos por denominar os tipos de violência aferidos pela CADRI tal qual assumido na versão espanhola (Fernández-Fuertes, Fuertes & Pulido, 2006): violência física, violência sexual, violência verbal/emocional, violência relacional e ameaças.

Cada pergunta da escala é duplicada, indagando sobre o comportamento do jovem como perpetrador da ação e como vítima dela. As opções de resposta são: 0- nunca, 1- raramente, 2- algumas vezes e 3- frequentemente. Neste livro, a variável violência foi constituída pela soma dos escores dos itens para cada tipo. Posteriormente foi categorizada de acordo com a presença de pelo menos um item (indicando sua presença), e quando o escore da soma dos itens for zero, sinaliza-se que a violência nunca ocorreu. O Capítulo 3 apresenta todos os itens da escala, segundo o tipo de violência sofrida ou perpetrada.

A validade e a confiabilidade da CADRI foi estabelecida em uma série de estudos nos Estados Unidos da América e no Canadá, com bons índices de confiabilidade e validade, tanto para as subescalas quanto para a escala global. A estrutura fatorial confirmou a existência de um grupo central de itens característicos de abuso, segundo sexo e diferentes faixas etárias de adolescentes (Wolfe *et al.*, 2001, 2004). A escala foi adaptada para o espanhol (Fernández-Fuertes, Fuertes & Pulido, 2006) e para o hebraico (Schiff & Zeira, 2005).

Os dados quantitativos apresentados no livro foram inicialmente analisados por meio de descrição da frequência absoluta e relativa segundo os diferentes estratos (cidade ou

rede de ensino).² Adicionalmente, foram descritos os intervalos de confiança (IC 95%) para proporções e médias.

A análise de associação entre as diversas variáveis categóricas e sexo foi realizada pelo teste de Rao-Scott de segunda ordem (p -valores $< 0,05$) e indicaram associações estatisticamente significativas. O mesmo nível de significância foi utilizado para todos os demais cruzamentos realizados. Para facilitar a fluidez da leitura, omitiu-se muitas vezes o p -valor, já que só há descrição de diferenças quando elas são estatisticamente significativas.

Todas as análises estatísticas apresentadas incorporaram o ‘peso amostral’, a fim de que fossem corrigidas as estimativas pontuais (por exemplo, os percentuais), e o ‘plano amostral’, visando a corrigir as estimativas de variância.³

ABORDAGEM QUALITATIVA

Para buscar compreender e interpretar as experiências dos adolescentes com base em suas falas no contexto da cultura, foi utilizado o referencial metodológico da hermenêutica em profundidade na perspectiva de Thompson (1995). Segundo este autor, a análise da cultura pode ser realizada como “o estudo das formas simbólicas em relação aos contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados dentro dos quais e através dos quais essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas” (Thompson, 1995: 363). O referencial metodológico proposto por Thompson pode ser descrito em três fases: análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação.

O objetivo da análise sócio-histórica é a reconstrução das condições de produção, circulação e recepção das formas simbólicas, tendo em conta a situação espaço-temporal, os campos de interação, as instituições sociais, a estrutura social e os meios técnicos de transmissão. A análise formal ou discursiva busca investigar a organização interna das formas simbólicas, com suas características estruturais, seus padrões e relações. Esse aprofundamento pode ser realizado mediante uma análise semiótica, de conversação, sintática, narrativa e argumentativa. A fase de interpretação ou de reinterpretação, segundo Thompson (1995), projeta um significado possível a respeito dos significados construídos pelos participantes da pesquisa.

Optamos por trabalhar com a técnica de grupo focal por reconhecer que seu bom emprego viabiliza o acesso, por meio da interação entre os participantes, às visões socialmente compartilhadas sobre o tema em pauta, o que dificilmente se conseguiria sem a situação peculiar de troca e de debate (Morgan, 1988). Ao utilizar-se essa técnica, é possível trazer à tona tanto os aspectos cognitivos (opiniões, influências, ideias) e

² A abordagem descritiva das frequências segundo cidade e rede de ensino (sem apresentação do resultado de testes de associação) foi empregada ao longo do livro, já que os estratos fazem parte do próprio plano amostral.

³ Essa opção deveu-se à menor estimativa de variância, característica dos desenhos amostrais conglomerados, em comparação com os testes estatísticos normalmente utilizados em amostra aleatória simples.

interacionais (conflitos, lideranças, alianças) como as vivências singulares dos indivíduos e do grupo de referência. Desde sua origem, nos anos 30, a técnica busca incorporar o processo de influência mútua das opiniões e atitudes entre membros de grupos, estabelecendo uma diferença, nesse aspecto, em relação à entrevista individual.

Para o grupo focal atingir seus objetivos, alguns requisitos são importantes: um roteiro temático aberto (só o tema é proposto ao debate livre) ou estruturado (orientado por uma sequência de perguntas); seleção de indivíduos que apresentem características que os façam ser reconhecidos, pelo menos potencialmente, como ‘grupo’ para o problema que se deseja analisar; poucos participantes (de seis a dez no máximo), para que as pessoas todas possam dar e trocar opiniões; boa coordenação que convide à participação de cada um e faça intervenções que orientem para clarificar o foco do tema em discussão (Minayo, 2008).

Além dos grupos focais foram realizadas entrevistas individuais e observação de campo. Tanto para as entrevistas individuais como para os grupos focais e para a observação de campo, preparamos roteiros semiestruturados que permitem certa padronização das ações dos entrevistadores e, no momento da análise, uma triangulação adequada das distintas opiniões sobre as mesmas indagações básicas. As questões norteadoras para esses três instrumentos foram organizadas em cinco blocos: 1) tipos de relações amorosas, opiniões e sentimentos dos jovens sobre as relações de namoro e do ‘ficar’ e o que eles entendem por ‘violência no namoro’ ou no ‘ficar’; 2) o que os jovens consideram agressão psicológica no namoro e no ‘ficar’; 3) o que consideram ‘violência física’; 4) o que consideram ‘violência sexual’; 5) como se sentem após o término de um namoro com uma pessoa de quem gostavam muito e como acham que deve ser abordado o tema das relações afetivo-sexuais.

Os grupos focais tiveram a duração média de sessenta minutos, e as entrevistas, de vinte a trinta minutos. O mínimo de atividades qualitativas definido para cada cidade que participou da pesquisa foi: duas entrevistas individuais com meninas e duas com meninos, em escolas públicas e privadas; e seis grupos focais (dois femininos, dois masculinos e dois mistos) em escolas públicas e privadas. Como se pode ver na Tabela 2, em alguns locais essa previsão foi ultrapassada.

Na Tabela 2, encontram-se discriminados pelos atributos que constituíram os critérios de seleção os 519 adolescentes que participaram de encontros individuais ou grupais, sendo 262 mulheres e 257 homens, com idade média de 16 anos (o mais jovem entrevistado tinha 14 anos e o mais velho, 22). Em relação à inserção na rede de ensino, participaram 273 jovens de escolas particulares e 246 de escolas públicas. As falas apresentadas no livro distinguem o sexo do aluno, o pertencimento ao ensino particular ou público e sua cidade de origem.

Tabela 2 – Número de jovens participantes da abordagem qualitativa segundo cidades, tipo de escola e sexo

Cidades	Grupo focal						Entrevistas				TOTAL
	Escolas particulares			Escolas públicas			Escolas particulares		Escolas públicas		
	Masc.	Fem.	Misto	Masc.	Fem.	Misto	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
Porto Alegre (RS)	8	10	1 masc. 5 fem.	10	7	5 masc. 4 fem.	1	1	1	1	54
Florianópolis (SC)	6	7	4 masc. 4 fem.	10	9	4 masc. 5 fem.	1	1	1	1	53
Rio de Janeiro (RJ)	10	8	3 masc. 3 fem.	7	8	4 masc. 3 fem.	1	1	1	1	50
Belo Horizonte (MG)	7	5	5 masc. 3 fem.	8	12	3 masc. 7 fem.	1	1	1	1	54
Manaus (AM)	7	6	5 masc. 6 fem.	5	4	8 masc. 5 fem.	2	2	1	1	52
Porto Velho (RO)	6	6	3 masc. 3 fem.	6	6	3 masc. 4 fem.	1	1	1	1	41
Recife (PE)	8	7	3 masc. 5 fem.	8	7	3 masc. 7 fem.	1	1	1	1	52
Teresina (PI)	8	8	6 masc. 4 fem.	6	8	4 masc. 4 fem.	1	1	1	1	52

Todas as sessões foram monitoradas por duplas de pesquisadores que se revezaram na dinâmica como animador e relator das discussões, conforme recomenda Patton (1990). As sessões foram gravadas com o consentimento de todos os participantes, e o compromisso com o anonimato dos depoimentos foi estabelecido e respeitado.

Utilizamos o método de análise de conteúdo para compreensão e interpretação dos dados, segundo Bardin (1977). Dentre as várias técnicas de análise de conteúdo apresentadas pela autora, escolhemos a modalidade temática, que trabalha com categorização por unidades de sentido.

DE QUE JOVENS FALAMOS NESTE LIVRO? UM BREVE PERFIL

Um total de 3.205 jovens, entre 15 e 19 anos, participou da pesquisa nas dez capitais brasileiras, sendo a maioria: meninas (62,6%), na faixa etária de 16-17 anos (77,2%), de cor da pele branca (45,6%) e parda (35,0%). Há mais jovens pertencentes aos estratos sociais mais elevados (A+B = 56,4%) e com pais com escolaridade nos ensinos médio e superior (Tabela 3).

Tabela 3 – Dados socioeconômicos dos jovens entrevistados

Variável		% (IC 95%)
Sexo N=3.202	Feminino	62,6 (58,2-66,8)
	Masculino	37,4 (33,2-41,8)
Idade N=3.205	15	10,8 (8,9-13,0)
	16	54,1 (45,2-62,8)
	17	23,1 (20,6-25,7)
	18	10,3 (5,5-18,5)
	19	1,8 (1,1-2,7)
Cor da pele N=3.160	Branca	45,6 (42,2-49,1)
	Preta/parda	48,9 (45,0-52,7)
	Amarela/indígena	5,5 (4,1-7,5)
Escolaridade do pai N=2.918	Não sabe ler/escrever	1,0 (0,5-1,8)
	Ensino fundamental completo/incompleto	28,7 (25,0-32,7)
	Ensino médio completo/incompleto	42,7 (38,4-47,2)
	Ensino superior completo/ incompleto	27,6 (24,7-30,8)
Escolaridade da mãe N=3.047	Não sabe ler/escrever	1,7 (0,8-3,4)
	Ensino fundamental completo/incompleto	30,1 (26,1-34,3)
	Ensino médio completo/incompleto	43,7 (37,1-50,5)
	Ensino superior completo/incompleto	24,6 (21,5-27,9)
Estrato social N=2.717	A+B	56,4 (51,9-60,7)
	C+D+E	43,6 (39,3-48,1)

A ‘escolaridade paterna e materna’ é mais elevada (chegando ao ensino superior) em Brasília e Florianópolis (em torno de 50% e 40%, respectivamente), em contraposição a Manaus e Teresina, com mais baixo nível escolar da figura paterna (36% a 38%), e Manaus e Porto Velho (34% a 37%) da materna, com ensino fundamental completo ou não. Brasília, Florianópolis e Porto Alegre são as capitais em que encontramos, na amostra estudada, maior percentual de jovens pertencentes ao estrato social mais alto (75% a 86% das famílias); os estratos mais pobres sobressaem na amostra de Porto Velho e Teresina (56% a 64%).

Quanto à ‘estrutura familiar’, a maior parte dos jovens (61,1%) afirma ter uma família de composição tradicional, com pai e mãe juntos, com destaque para os que estão na rede privada de ensino. Em seguida, aparecem os que vivem em famílias chefiadas apenas pelas mães (20,8%) e com padrastos e madrastas (12,0%). Dentre as capitais, em Belo Horizonte, Florianópolis e Porto Alegre a configuração nuclear prevalece na amostra estudada (65% a 68% das famílias), enquanto 20% a 22% dos jovens de Brasília, Manaus, Recife, Rio de Janeiro e Belo Horizonte destacam-se, na amostra, por viverem em famílias chefiadas por mulheres. A estrutura de família da mãe vivendo com o padrasto é mais presente na configuração dos jovens do Rio de Janeiro e de Manaus (10% a 12%).

No entanto, chama a atenção o expressivo percentual (4,1%) de adolescentes de todas as capitais que vivem sem o pai e sem a mãe, especialmente em Porto Velho e em Teresina (12% a 15%). É nas duas capitais da região Norte que existe maior presença de filhos de diferentes uniões vivendo na mesma família (40% a 45%).

Grande parte dos jovens (75,5%) afirma ter uma ‘religião’, em especial as meninas. Em Teresina, Florianópolis e Porto Alegre, o catolicismo foi mais mencionado pelos entrevistados (68,8% a 81,5%). Também em Manaus, Porto Velho, Brasília, Cuiabá, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, há mais jovens que se autodenominam católicos (47,6% a 64,7%), vindo a seguir os que se referem como protestantes, pentecostais ou evangélicos (25% a 40,5%). É importante considerar que, na composição da amostra, várias escolas católicas tradicionais participaram. As religiões espíritas e outras especificações foram mencionadas por 11,1% dos jovens entrevistados em todo o país.

Quanto ao ‘trabalho juvenil’, 17,2% dos adolescentes responderam afirmativamente: 10,8% recebem remuneração por esse trabalho e 6,4%, não. Os rapazes são os que mais trabalham (23,4%), se comparados às moças (13,4%). Em especial, destacamos o trabalho dos meninos que estudam em escolas públicas. Cuiabá é a capital onde o trabalho juvenil é mais mencionado (23,6%), vindo a seguir Belo Horizonte, Florianópolis e Porto Alegre (20% a 21,7%). Recife e Teresina são as cidades onde menos adolescentes (13% a 11,4%) disseram que trabalham.

A seguir, apresentamos alguns dados sobre o perfil dos jovens inseridos no ‘ensino público’ (54,6%) e no ‘ensino particular’ (45,4%), com algumas diferenças observadas.

Primeiramente, é importante ressaltar que a natureza do sistema de ensino reflete a inserção social do jovem e sua família. Na rede pública, a maior parte dos jovens pertence aos estratos sociais C-D-E, mais pobres (56,2%), enquanto na particular estão, em maiores proporções, os classificados nos estratos A-B (88,2%). Essa diferente inserção social interfere significativamente no perfil do jovem e de sua família segundo as distintas redes de ensino.

Há significativa predominância de meninas na rede pública (64,3%), na qual entrevistamos quase o dobro delas em relação aos rapazes. Desses últimos, provavelmente muitos abandonam cedo os estudos para dar apoio financeiro às suas famílias. Tal informação repercute nos dados sobre trabalho juvenil apresentados anteriormente. Na rede particular, embora as meninas também prevaleçam, o equilíbrio entre os sexos é maior (57,5% de meninas e 42,5% de meninos).

Na rede pública há também mais defasagem série-idade, o que está relacionado ao maior percentual de alunos mais velhos. Para termos ideia do tamanho desse problema, 14,5% dos alunos da rede pública têm entre 18 e 19 anos e estão no segundo ano do ensino médio, ao passo que na rede particular esse mesmo grupo corresponde a 4,8%. O inverso é encontrado quando verificamos que mais alunos na faixa de 15-16 anos estudam em escolas particulares na respectiva série pesquisada (76,1%) em comparação aos que estão nas escolas públicas (61,2% nas mesmas idades). Esse fenômeno

já foi mencionado no capítulo inicial, como referência de outras pesquisas, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

A desigualdade visualizada pela cor da pele também é visível quando verificamos que há muito mais jovens que se dizem brancos na rede particular (63,2%) do que nas escolas públicas (39,7%). Nessas últimas, a maior parte dos estudantes se autodenomina negro e pardo (55,1% *versus* 30,1% dos que frequentam escolas particulares). Similarmente, os pais dos alunos do ensino particular apresentam nível de escolaridade mais elevado: 63,8% têm curso superior, contrapostos a 14,2% dos pais de jovens que frequentam a rede pública. A mesma tendência ocorre em relação à escolaridade materna.

Quanto à estrutura familiar, filhos únicos são mais presentes na rede privada de ensino (11,5% contra 8,5% da pública), e filhos de diferentes relacionamentos dos pais são mais frequentes na rede pública (36,8% contra 29,5% da rede particular).

Pertencer à religião católica foi mais relatado pelos que estão nas escolas particulares (66,7%) do que pelos que estão na rede pública (50%). Dentre os alunos das escolas públicas predominam os que frequentam igrejas protestantes, pentecostais ou evangélicas.

Quanto ao ‘desempenho dos jovens na escola’, constatamos que, em geral, há uma avaliação positiva: as notas que obtêm nas disciplinas; a participação que têm em sala de aula; o relacionamento que estabelecem com professores. As moças referem maior participação em sala de aula e melhor relacionamento com professores do que os rapazes (Tabela 4).

Tabela 4 – Percepção do jovem sobre notas obtidas, participação em sala de aula e relacionamento estabelecido com professor, segundo o sexo

Variáveis escolares		% Sexo feminino	% Sexo masculino	% TOTAL
Percepção das notas N=3.195	Ótimo/Bom	69,2	61,7	66,4
	Regular	28,2	34,0	30,4
	Fraco	2,6	4,3	3,2
Participação na escola* N=3.193	Ótimo/Bom	68,4	58,7	64,8
	Regular	25,8	31,8	28,0
	Fraco	5,8	9,5	7,2
Relacionamento com o professor* N=3.188	Bom	83,0	70,5	78,3
	Regular	16,7	28,4	21,1
	Ruim	0,3	1,2	0,6

*p < 0,001.

Alunos das escolas particulares mostram mais capacidade de autocrítica: dizem mais que têm notas fracas (4,3%) do que os que estudam em escolas públicas (2,9%). Igual resultado ocorreu em relação à avaliação da fraca participação em sala de aula, mais comum na rede privada de ensino (10,1% contra 6,2% dos alunos da rede pública), e ao pior relacionamento com os professores (1,7% e 0,3%, respectivamente).

Observando os adolescentes pelas capitais, os manauenses, cariocas e belo-horizontinos têm uma visão de si mais positiva na escola. Já os de Teresina consideram que têm pior desempenho, pior relacionamento com professor e fraca participação na escola. Já os estudantes de Brasília, segundo sua própria percepção, se destacam pelo ruim relacionamento com o professor.

Ressaltamos que os resultados apresentados no decorrer deste livro procuram destacar as especificidades relacionadas a: 1) gênero, em face da fundamental importância das normas culturais associadas ao exercício da sexualidade e às práticas de violência; 2) inserção social, que se reflete no pertencimento à rede de ensino pública ou privada (perfil socioeconômico das famílias e jovens mais vulneráveis na escola pública); 3) diferenças entre cidades pertencentes às cinco regiões do país, também fruto de distinções econômicas, demográficas e culturais existentes no país continental que é o Brasil.